

Néstor Perlongher leitor de Oliverio Gironde: uma análise do ensaio “El sexo de las chicas”

CAMPOS, Mariana / Universidade Federal de São Carlos – mrcampos@gmail.com

Eje: Literatura argentina

Tipo de trabajo: ponencia

» Palabras clave: Poesía argentina – Oliverio Gironde – Néstor Perlongher

» *Resumo*

“El sexo de las chicas. El erotismo en la poesía de Oliverio Gironde” é um ensaio escrito pelo antropólogo, ensaísta e poeta argentino Néstor Perlongher (1949–1992), publicado na Revista Xul em Maio de 1984, no qual o autor observa que a sensualidade da poesia de Oliverio Gironde (1891–1967) é frequentemente referida por sua crítica sob certa castidade e defende a hipótese de que esta sensualidade está para além das aparições metafóricas e apelos sonoros, que pode ser recolhida no que se concebe como sexual ou obsceno. Nota-se, ao analisar este ensaio, que o método adotado por Perlongher privilegia o plano da significação e respeita o sentido cronológico das publicações de Gironde. Tais posicionamentos implicam em limitações aos resultados possíveis de sua hipótese. O presente trabalho conserva sua hipótese, observando-a a partir do procedimento com linguagem que se explicita no último livro de Gironde, intitulado En la masmédula (1953), este é o do privilégio do significante. Este tipo de procedimento é central nas discussões sobre literatura e linguagem da linguista e psicanalista brasileira Claudia Lemos, a destacar o artigo “Poética e significante” (1998), do qual este trabalho toma as noções de linguagem. Por fim, é realizada uma análise breve do poema “Paisaje Breton”, que inaugura o primeiro livro de poesia de Gironde, Veinte poemas para ser leídos en el tranvía (1922), demonstrando a intensa presença do elemento erótico na poesia de Gironde e a sua relação imprescindível com a linguagem deste. A investigação deste ensaio integra a pesquisa em desenvolvimento desde março de 2013 intitulada “Linguagem e tradição: Uma análise comparativa de Oliverio Gironde e Néstor Perlongher”.

» *Néstor Perlongher leitor de Oliverio Gironde: uma análise do ensaio “El sexo de las chicas”*

Com o interesse de investigar a relação entre a obra poética de Oliverio Girondo (1891–1967) e de Néstor Perlongher (1949 – 1992), em consequência da suspeita de que este último toma aquele como um de seus precursores, este artigo propõe apresentar a análise do ensaio “El sexo de las chicas. El erotismo en la poesía de Oliverio Girondo”, de Perlongher, publicado na revista *Xul* em maio de 1984. Entende-se esse ensaio como um registro interessado da leitura que Perlongher realizou de Girondo, e as chaves para analisá-lo enfocam este leitor, a partir das perguntas que faz Ricardo Piglia em *El último lector*: “No nos preguntaremos tanto qué es leer, sino quién es el que lee (donde está leyendo, para qué, en qué condiciones, cuál su historia)” (Piglia, 2014[2005], p. 22). Tais perguntas exigem que se conte a história de Perlongher, porém, como a finalidade do presente trabalho não é biográfica, nem visa responder as perguntas de Piglia, mas observar e analisar a maneira qual Perlongher leu Girondo através desse ensaio, a investigação de Perlongher como leitor será feita na medida em que ele se faz presente e se apresenta através desse ensaio, em diálogo com alguns depoimentos seus dados em entrevistas.

› *Perlongher leitor: o contra-herói*

Em uma entrevista dada a revista *El Ojo Mochó* em 1992, Néstor Perlongher é questionado “Es poeta. ¿Cómo te sentís como sociólogo?”. Ao responde-la, ele se autodiagnostica com o que chama de uma espécie de esquizofrenia: “Yo en realidad soy poeta en Argentina y antropólogo – más que sociólogo - en Brasil. Así que es como una especie de doble personalidad” (Perlongher, 2004[1992], p. 371). Esta sua resposta, embora duvidosa, apresenta informações que se verificam a partir do ponto de vista editorial. Perlongher publicou em vida cinco livros de poesias. O primeiro, *Austria-Hungría*, de 1980, foi editado pela Editorial Tierra Baldía, e o último *Aguas aéreas*, pela Último Reino, em 1990. Embora estivesse vivendo no Brasil desde 1982, os cinco livros de poesia que publicou neste período de dez anos (entre o primeiro e o último) foram todos editados em Buenos Aires, na Argentina, o que, do ponto de vista editorial, verifica sua personalidade poética vinculada ao país de origem. Por outro lado, embora tenha concluído sua licenciatura em sociologia na Universidad de Buenos Aires, seu reconhecimento na área se deu pela sua pesquisa antropológica desenvolvida durante o mestrado no Brasil, pela Universidade Estadual de Campinas, na qual foi nomeado professor em 1985. Sua dissertação é hoje referência em pioneirismo e qualidade ao abordar o seu principal tema, a prostituição masculina paulistana, e tomou forma física de livro, *O Negócio do Michê – A prostituição viril em São Paulo*, originalmente publicado no Brasil em pela Editora Brasiliense em 1987, mesmo ano em que publica *Alambres*, seu segundo livro de poemas.

Perlongher, porém, é o primeiro a duvidar deste diagnóstico. Em seguida a esta declaração, ele explica que isto, de ser poeta e antropólogo, às vezes é conflituoso, mas às vezes lhe permite acessar uma diversidade de conhecimentos e experiências culturais, sem levantar muros entre diferentes áreas:

“Entonces, los antropólogos sólo entienden de antropología y **sólo leen antropología**, y cuando pasan al campo de la literatura tienen gustos generalmente pocos sofisticados, no entienden. Y eso pasa en todas áreas; entonces, eso puede ser una contribución, también, el hecho de **tener acceso a otro tipo de experimentación con la escritura**” (Perlongher, 2004[1992], p. 371, grifos meus).

Há, nesta ‘espécie de dupla personalidade’ de Perlongher, algo que ele reconhece como um ganho, e este ganho está na relação entre leitura e experimentação com a escrita. É nesta direção que propõe-se pensar Perlongher como leitor de Oliverio Girondo. Se aqui Perlongher confere à leitura variada (a destacar um tipo de literatura sofisticada) a possibilidade de acessar um mesmo conhecimento por diferentes caminhos, em seguida sua atenção será direcionada não só à leitura, mas à escrita: “Después, ampliando un poco más el tema, se me ocurre que la escritura de las ciencias sociales es una escritura muy seca, muy triste. El hombre de las ciencias sociales es un hombre antiestéticos” (Perlongher, 2004[1992], p. 371). Perlongher, dessa forma, apresenta-se como leitor, e fornece informações deste tipo de leitor que é, aquele que, sendo antropólogo, não se limita às leituras da área, nomeia a literatura e se posiciona a favor da estética em diferentes campos, e mostrando a sua preocupação em não perde-la de vista em sua escrita como poeta e como antropólogo, confundidos tão proposital quanto naturalmente.

Um exemplo breve desta realização está em uma pequena passagem do seu livro *O negócio do michê*. Perlongher se apropria de um verso de Girondo para descrever um espaço público de circulação homossexual. Ao mencionar o remanejamento de um banheiro da Praça da República devido à inauguração do metrô, ele nomeia uma área conhecida pela “tradicional masturbação coletiva de homens à procura de outros homens” e toma de Girondo a descrição para adjetivar uma manhã seguinte a uma noite neste local: “deixando a manhã impregnada de cheiros característicos - como diria Oliverio Girondo: ‘un olor a sexo que desmaya’” (Perlongher, 2008 [1987], p. 104). Esta adjetivação, extraída do primeiro poema do primeiro livro de Girondo, *Veinte poemas para ser leídos en el tranvía* (1922), reclama o lugar da poesia tanto em sua reflexão e escrita antropológica, quanto em sua vida, como é possível apreender através de observação de Perlongher como leitor de Girondo. Pensar em Perlongher como leitor é escapar da armadilha que a ‘espécie de dupla personalidade’ oferece, que distingue forçadamente o poeta do antropólogo. Com Barthes é possível desarmar esta falsa oposição:

Ficção de um indivíduo (algum Sr. Teste às avessas) que abolisse nele as barreiras, as classes, as exclusões, não por sincretismo, mas por simples remoção desse velho espectro: a contradição lógica; **que misturasse todas as linguagens, ainda que fossem**

consideradas incompatíveis; que suportasse, mudo, todas as acusações de ilogismo, de infidelidade; (...) Este homem seria a abjeção de nossa sociedade: os tribunais, a escola, o asilo, a conversação, convertê-lo-iam em um estrangeiro: quem suporta sem nenhuma vergonha a contradição? Ora este contra-herói existe: é o leitor de texto; **no momento em que se entrega a seu prazer.** (Barthes, 1980 [1973], p. 35. Grifos meus).

Perlongher, poeta entre antropólogos, argentino entre brasileiros, cabe de forma justa nesta ideia de estrangeiro, do contra-herói de Barthes. Visto assim, ele, ao fazer notar a diferença entre a linguagem das ciências sociais e da poesia, assume que estas linguagens são incompatíveis, para, em seguida, abolir a barreira entre elas através de sua escrita. Sua escrita é também um registro de suas leituras. Para ficar apenas com aqueles que se destacam como poetas, encontra-se em *O negócio do michê*, Perlongher leitor do francês Charles Baudelaire, Osvaldo Lamborghini, o já citado Gironde, Lezama Lima, Severo Sarduy, Jorge Amado e Roberto Piva. Estes registros de leitura têm outro rendimento quando Perlongher fala deles a partir de outro lugar, o lugar do crítico literário, no qual se encontram ensaios, como é o caso de “El sexo de las chicas”.

› *Perlongher se entrega ao seu prazer*

Embora Perlongher não se reconhecesse como crítico literário¹, a publicação deste ensaio na referida edição da revista *Xul* possibilita toma-lo deste modo. A edição é toda dedica a Gironde, a capa traz uma caricatura deste em meio a uma mira sob o título de “Apunte sobre Gironde”. Em seu índice encontramos algumas seções, editorial, textos inéditos de Gironde, testemunhos sobre o poeta, entre eles um testemunho de Jorge Luis Borges, e textos críticos, na qual está o ensaio de Perlongher, e também um de Jorge Schwartz, um dos principais críticos sobre Gironde e sobre quem Perlongher se declara um leitor admirado. Estas declarações são feitas em entrevistas, sendo uma delas, a *Revista Inti* (1987-1988), na qual ele diz não ser crítico e encontrar na crítica um problema de demanda e de estilo. Em seguida, como exemplo de obra bem sucedida, ele destaca a obra *Vanguardia e cosmopolitismo* (1983[1979]), de Schwartz, e classifica-a como insubstituível, em razão de montar uma genealogia entre os poetas em questão, são eles Gironde e Oswald de Andrade. Não ser um crítico, mas dividir um mesmo espaço editorial com críticos mostra-se como uma contradição, embora ela não configure exatamente um problema. A contradição reafirma a característica de Perlongher como contra-herói, tão entregue ao prazer da leitura ao ponto de sentir-se convocado a escrever sobre ela. Ricardo Piglia, em *El último lector*, diz que o crítico é a figuração do leitor que escreve sua leitura:

¹ Em entrevista inicialmente publicada na *Revista Inti*, núm. 26/27, 1987-1988, dentro do dossier “Coloquios del Oficio Mayor. Entrevista a 26 poetas”, reproduzida em *Papeles Isumisos*, editada por Adrián Cangi e Reynaldo Jiménez em 2004, p. 325.

“Por de pronto, el nombre asociado a la lectura remite a la cita, a la traducción, a la copia, a los distintos modos de escribir una lectura, de hacer visible lo que se ha leído (el crítico sería, en este sentido, la figuración de este tipo de lector, pero por supuesto no el único ni el más interesante)” (Piglia, 2014[2005], p. 21)

Por outro lado, Piglia observa que o crítico não é o único nem o mais interesante leitor, e sua observação poderia ser continuada por algo que diz Perlongher na entrevista anteriormente citada: “Ahora bien, no sé si el poeta es más indicado que el crítico para hablar de poesía, ya que su conexión con las otras escrituras es antropofágica” (Perlongher, 2004 [1987-1988, p. 326). Isto, vindo da boca de Perlongher no momento em que comenta uma obra crítica referencial de Gironde, dois anos após a publicação do seu ensaio “El sexo de las chicas”, soam como pistas nesta investigação, e são tomadas como materiais para fabricar perguntas.

O fundamental para as perguntas a serem feitas não é resolver qual seria o leitor mais interessante, se o crítico ou o poeta, mas observar se este leitor é interessado e quais são os seus interesses. Então, uma vez que já se sabe de Perlongher como um leitor interessado de Gironde, passa-se ao ensaio de “El sexo de las chicas”, questionando que interesses são esses. São interesses antropofágicos? Se sim, o que Perlongher devora de Gironde? O que descarta? E quais os critérios de sua seleção?

› *El sexo de las chicas*

Perlongher inicia seu ensaio afirmando que a sensualidade de Gironde é frequentemente referida por seus críticos, citando Aldo Pelegrini, “en Gironde hay una verdadera sensualidad de las palabras como sonido” Pelegrini (como se citou em Perlongher, 1984, p.25). Em seguida Perlongher afirma que o poeta Enrique Molina vai um pouco além de Pelegrini quando diz que a sensualidade de Gironde é voraz. Ele, com isso, inicia sua discussão apontando aquilo que irá defender nesse seu ensaio: de que a sensualidade de Gironde não está apenas na sonoridade de seus poemas ou em suas metáforas, mas que “puede ser pescada desde lo que popularmente concebiríase como sexual, u obsceno”. E segue: “Pero acaso, por una especie de velado pudor (‘el arte eleva’, dice Fogwill), ¿negar la reverberancia, en nuestros **putos oídos**, de lo obsceno?” (Perlongher, 1984, p. 25). Seu intento é de não negar a reverberação, como afirma que tenham feito os críticos de Gironde, em uma entrevista que dá ao jornal *Tiempo Argentino* (1986). Pablo Dreizik, entrevistador, lhe pergunta: “¿Qué operatividad le das al concepto de ‘deseo’ en la poesía?” e ele responde:

“Yo empecé a pensar en esto leyendo a Gironde y al comprobar que ciertos críticos leían la sensualidad de su poesía pasándola por alto. Y es que esa sensualidad contenía referentes directamente sexuales y había cierta castidad en la crítica que parecía querer dejar de lado esa trama”. (Perlongher, 2004 [1984], p. 290)

Com isso, Perlongher justifica a sua aparição no campo crítico, como se dissesse, junto com Piglia: ‘Eu, que não sou crítico, e talvez por não sê-lo, leio de outro lugar, e este lugar têm coisas a serem ditas que talvez interessem à crítica’. Além disso, revela também uma informação preciosa sobre o papel relevante de Gironde no que concerne às suas reflexões sobre o Desejo, que figura como tema central para o Perlongher antropólogo e poeta, já que, para ele, os seus *putos oídos*, ouvidos de bicha, sem a graça concebida pela castidade, ouvidos desgraçados, são capazes de ouvir as reverberações da obscenidade de Gironde. Como se verá mais adiante, Perlongher, embora fale de outro lugar, não parece dizer algo tão fora do que foi dito pela crítica de Gironde, mas caminha com ela na direção ao seu interesse de leitor em abordar o erotismo com maior atenção.

Duas perguntas conduzem o ensaio: “¿Cómo aparecen las alusiones sexuales en la poesía de Gironde?” e “¿A que aluden?”. Perlongher se dedicará a identificar nos poemas de Gironde tais aparições e suas alusões, porém, sem aprofundar-se em seus procedimentos linguísticos e consequentes efeitos de leitura. Quatro, dos setes livros de poesia publicados por Gironde serão investigados em busca das respostas a estas perguntas, são eles *Veinte poemas para ser leídos en el tranvía* (VP)², *Calcomanías* (CC), de 1925, *Espantapájaros* (E), de 1932, e *En la masmédula* (EM), de 1954.

Sua metodologia de leitura é cronológica, e em função disso, apenas seus apontamentos recairão radicalmente sobre o significante, devido a uma exigência do tipo texto poético de *En la masmédula*. Antes deste, porém, Perlongher tensiona a relação entre significante e significado, prescindindo a relação dos jogos ofertados pelos significantes e a sua relação com o erotismo poético presente desde que está presente desde *Veinte poemas*.

Ele inicia suas observações a partir de alguns poemas do primeiro livro, dos quais observa dois padrões em relação às alusões sexuais nestes, a de um sexo reprimido e de um sexo despedaçado. O sexo reprimido é aquele cujo desejo se esconde detrás de diversas cenas cotidianas, aparentemente normais, como a descrição das “chicas de Flores”, em um trecho que destaca do poema “Exvoto”: “Al atardecer, todas ellas cuelgan sus pechos sin madurar del ramaje de hierro de los balcones...” (Gironde, 1999[1922], p. 15)³. O sexo despedaçado pode ser recolhido em diversos poemas deste mesmo livro, em imagens de seios avulso que buscam olhares, sexos que quase se descolam de seus corpos e caem sobre a calçada da rua ou mais radicalmente na fragmentação dos corpos em “Croquis en la arena”, como evidencia Perlongher: “Brazos. / Piernas amputadas. / Cabezas que se

² Estas siglas entre parênteses são adotadas por Néstor Perlongher para facilitar as referências que faz aos poemas de cada um destes livros.

³ As marcações das páginas feitas se diferem das originais do ensaio, a fim de manter a organização ao retomar algum destes poemas mais adiante, uma vez que são tomadas da edição da Colección Archivos, da editora Allca XX e Scipione Cultural, cujo título é Oliverio Gironde - Obra Completa, editada em 1999.

reintegran / ...los ojos de las chichas que se inyectan novelas y horizontes” (Girondo, 1999[1922], p. 9). E destes recortes que faz de *Veinte poemas*, Perlongher tira suas primeiras conclusões: “Recapitulando: hay una libidinización de lo social. Lo que aparentemente regido por normas civilizadas, ‘asexuadas’, encubre una intensa **circulación pulsional**” (Perlongher, 1984, p. 27). As meninas dos poemas de Girondo serão nomeadas em um poema intitulado “Anales”, do primeiro livro de poemas de Perlongher, que narra a deserção de um soldado de guerra, que assume a voz do poema e se diz mutilado e violentado por outros soldados:

“Partido: uncido soy
a cualquier carro que me levante voy
la polvoreda de la historia
(...)
y en eso
veo venir los soldados rusos
adentrada la fronda:
pillaba y fui pillada por los siervos!
y desarmada en la floresta como esas chicas de Girondo
Yo, un soldado austro-húngaro!
(Perlongher, 2012[1980] p. 40)

Pode-se pensar que as normas civilizadas, do que é reprimido, lido por Perlongher em Girondo são deixadas de lado por Perlongher enquanto escritor de poesia, que opta pela agressividade. Esta, por sua vez, convoca dois outros temas centrais para a poesia de Perlongher: o poder e o homoerotismo. Curiosamente são estes dois temas que Perlongher destaca de sua leitura dos poemas de *Calcomanías*, no poema “Tanger”: “...los hombres recuéstanse en los muros / donde penden alfanjes de zarzuela y el Kaizer a braza en las litografías al Sultán” (Girondo, 1999[1925], p. 44). Ele nota que a relação homoerótica, em Girondo, mela o poder, como faz melar a linguagem em seus próprios poemas, a partir do jogo entre feminino e masculino, de um soldado, que se diz agarrada (pillada) como as meninas de Girondo.

Por outro lado, a circulação pulsional que Perlongher identifica em Girondo é passível de ser relacionada com o sentido de circulação que ele relata a partir de suas pesquisas de campo, em entrevistas a michês das noites paulistanas.

Se o michê virar marido de bicha, passa a morar com bicha, **é uma situação em que a pessoa morre, não existe mais aventura, fluidez**, a coisa de sair, aí não se sabe o que vai acontecer. (...) “O que os michês querem mais é viver, **acontecer na rua...** Anônimo (como se citou em Perlongher, 2008 [1987], p. 168. Grifos meus).

Há um sentido de circulação, de estar em movimento, que se relaciona com o aspecto erótico da poesia, e que aparece, não só em Girondo, mas em seu próprio poema, no verso ‘a cualquier carro que me levante voy’, que remete a esta situação da prostituição das ruas.

A relação entre Desejo e Morte, que ele entende a partir de Bataille, o intriga Perlongher tanto em *Espantapájaros* como *En la masmédula*, sendo que neste último, esta relação alcança uma realização linguística distinta do anterior. Em *Espantapájaros* a mulher é

caracterizada por significantes que remetem a uma figura vampiresca e de sexo elétrico: “...su sexo – lleno de espinas y tentáculos – se inscrustaba en mi sexo, precipitándome en una serie de espamos exasperantes” (Girondo, 1999[1932], p. 100). Já em *En la masmédula*, esta relação aparece de maneira condensada sob o jogo eficiente de um único significante, como é o caso de ‘sexotumba’, do poema “Maspleonismo”: “Masturbio / más sacra carne carmen de hipermelosos púberes vibrátiles de / sexotumba góndola / en las fauces del cauce fuera de fértil madre de diosemen” (Girondo, 1999[1954], p. 236). Isto faz com que Perlongher afirme que “la desestructurción de la escritura opera también una redistribuición – no menos intensa – (...) **que sofisticada hasta lo indecible la fluxión pasional**” (Perlongher, 1984, p. 27. Grifos meus).

Então, as perguntas iniciais de Perlongher podem ser refeitas, pois a partir de *En la mesmédula*, a dúvida de Perlongher, de como as alusões sexuais na poesia de Girondo aparecem, passa a perseguir como resposta: a linguagem. Isto, embora seja tão certo neste livro como nos outros, se explicita devido ao radicalismo dos procedimentos linguísticos neste presente. Esta desestabiliza a segunda pergunta de Perlongher: estes significantes, a que fazem alusão? No lugar de responder, pode-se, então, perguntar a Perlongher: O indizível – quando não nada é dito – isto implica, necessariamente, em um silêncio?

O que Girondo faz, ao desestruturar a escrita, ao sofisticar até o indizível o fluxo passional, é optar pela sonoridade do poema, isto é, suspender o plano referencial de sua escrita e privilegiar o plano material, fazendo com que um significante deslize a outros significantes, através de operações realizadas pelos leitores, de recortes, justaposições e livre montagem. A partir de tais procedimentos, Perlongher conclui que

la explosión de la escritura hace explotar también la semántica de la sexualidad, que se dispersa y acopla en todas direcciones, en un generalizado “erofrote”. En este erofrote frótanse las palabras. Al sincopar la cópula, la escritura toma ella misma el ritmo de la cópula” (Perlongher, 1984, p. 28)

Ele, então, compreende que o procedimento de escrita de Girondo de *En la mesmédula* dá aos poemas um ritmo sexual, de sons que se esfregam, se contaminam uns dos outros, de palavras que se tocam, conformando este erotique do qual ele fala. O autor termina o ensaio com algumas sugestões sobre a poesia de Girondo, sendo algumas repetições em tom de encaminhamento do que discutiu ao longo dele. Entre suas sugestões está: “Finalmente lo que era disipación perversa, con algo de regodeo (sobre todo en *Veinte Poemas*) se vuelve contra el verbo, embiste el modo mismo de articulación de las palabras, de producción de sentido” (Perlongher, 1984, p. 28).

Nesta sua afirmação é possível colher alguns aspectos fundamentais para compreender o que este ensaio alcança e o que não alcança, e a sua relação com os interesses e lugar de leitura de Perlongher. O primeiro aspecto é que, ao dizer que o a dissipação perversa se posiciona contra o verbo em *En la masmédula*, Perlongher faz parecer que nos livros

anteriores, ela estava a favor do verbo, quando na verdade, se tomamos o verbo como a materialidade do texto, é neste último livro que ela, a dissipação perversa, se encontra em sua máxima realização, entendida na sua radicalidade, não contra o verbo, mas com ele, através dele. Se Girondo se posiciona contra algo em seu último livro, é contra o significado como algo dado, isto é, contra o signo de Ferdinand Saussure, no qual significante e significado eram unidos, comparados à frente e ao verso de uma folha de papel. É neste sentido que a reconfiguração do signo de Saussure que faz Jacques Lacan é interessante. Ao reverter a relação de união entre significante e significado em uma relação de barreira intransponível, Lacan (1972-1973) esclarece que nenhum significante carrega consigo seu significado, e sim, que todo significado é efeito de significante.

O segundo aspecto deriva deste primeiro, e recai sobre a metodologia adotada por Perlongher. Se é verdade que os procedimentos de escrita de Girondo se diferenciam do seu primeiro e ao último livro, os procedimentos de leitura de Perlongher, ao acompanharem a linearidade de sua escrita, determinam a sua leitura e limitam o desenvolvimento pleno de sua hipótese erótica em Girondo. Ao adotar *En la masmédula* como ponto de partida e não de chegada, torna-se plausível reconhecer a linguagem do erotoque, da acumulação erótica de palavras, da sonoridade privilegiada em outros momentos da poesia de Girondo.

A leitura de obra de Girondo como um todo é possível, segundo Schwartz, a partir de uma leitura que é tanto deleuziana como borgiana, e está presente em seu artigo intitulado “La trayectoria masmedular de Oliverio Girondo”, publicado originalmente em 1996 nos *Cuadernos Hispanoamericanos*. Schwartz afirma que:

“Esta **concepción sinfónica** de la producción poética de Girondo respalda nuestro argumento y nos permite vislumbrar las diferentes partes de los poemas como un único corpus que culmina en *En la masmédula*, universo convulsivo de significados; una especie de mónada porosa, un verdadero *aleph* poético aglutinador de todos los significantes”. (Schwartz, 1999 [1996], p. 755. Grifos meus)

Schwartz ainda nota que esta leitura é autorizada também pelo próprio Girondo ao destacar em um de seus *Membretes*, pequenas anécdotas publicadas nas páginas de Revista *Martín Fierro*, o seguinte: “debemos reconocer que a lo largo de nuestra existencia hemos escrito un sólo y único poema” Girondo (como se citou em Schwartz, 1999[1996], p. 755).

A concepção sinfônica apresentada por Schwartz faria retornar a constatação de Aldo Pellegrini, e concordar que “en Girondo hay una verdadera sensualidad de las palabras como sonido”, e reconhecer em sua sonoridade o privilégio da materialidade do texto, e com isso, debruçar-se, por exemplo, ao primeiro poema do primeiro livro de Girondo, “Paisaje Breton”, com as ferramentas ofertadas pelo primeiro último poema do último livro. Uma leitura sinfônica faz notar que há uma proximidade entre as observações finais que Perlongher faz de Girondo, e aquilo que o próprio Perlongher havia caracterizado como

limites da crítica de Gironde, o enfoque na sonoridade. Entende-se, então, que o que faz Perlongher é, a partir de seu foco de análise sobre o erotismo, investigar mais atentamente seu desenvolvimento na obra de Gironde. Com isso, pode-se pensar que, caso a metodologia de Perlongher não seguisse ordem cronológica, sua hipótese de leitura renderia mais, uma vez que se mostra exitosa.

O poema “Paisaje Breton” foi do qual Perlongher fisgou às qualidades dos arredores da Praça da República: ‘olor a sexo que desmaya’, e apresenta a paisagem da cidade francesa Douarrenez. Ela é conhecida como uma área de pesca e a partir deste dado pode-se inferir que o cheiro da cidade seja característico da decomposição dos peixes.

“Douarnerez
en un golpe de cubilete
empantana
entre sus casas como dados,
un pedazo de mar,
con un olor a sexo que desmaya”
(...)
sobre los muelles,
mercurizados por la pesca
marineros que se agarran de los brazos
para aprender a caminar
(Gironde, 1999[1922], p. 7)

Em uma operação que é ao mesmo tempo metonímica e metafórica, o cheiro é a porção que conta algo sobre o caráter sexual esta cidade. Tal cheiro, porém, não é simplesmente atribuído à cidade, mas lançado sobre cidade através da metáfora de um copo de jogar dados, inundando-a. Porém, se as casas são os próprios dados, confunde-se então a ideia da cidade ser invadida pelo mar, e abre-se a possibilidade de leitura de que as próprias casas (como os dados) são lançados, pelo mar, à cidade. Através de um vai-e-vem linguístico, que pode ser comparado ao movimento do mar e do sexo, nota-se que o cheiro característico dessa cidade não tem origem na podridão dos peixes que ali se decompõem, mas sim na sexualização desta cidade, que empresta ao mar este ‘cheiro a sexo que desmaia’. Estes deslocamentos que atribuem características de um elemento a outro se retroalimentam, funcionando como potencializadores do efeito do mal-cheiro, de sexo, de peixe.

› *Referencias bibliográfica*

- Antelo, R. (1999) (1ª edição) *Oliverio Gironde. Obra completa*. Madrid; Barcelona; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima, Guatemala, San José: ALLCA XX / Scipione Cultural.
- Barthes, R. (1973) *O prazer do texto*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Cangi, A. (2004) *Papeles insumisos*. Buenos Aires, Argentina: Santiago Arcos.

- Girondo, O. (1922) *Veinte poemas para ser leídos en el tranvía*. Argenteuil, Francia: Coulouma H. Bartjélemy.
- Girondo, O. (1925) *Calcomanías*. Madrid, España: Calpe.
- Girondo, O. (1932) *Espantapájaros (al alcance de todos)*. Buenos Aires, Argentina: Proa.
- Girondo, O. (1954) *En la masmédula*. Buenos Aires, Argentina: Losada.
- Lacan, J. (1972-1973) (Edição de 1982). *O Seminário: Livro 20*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar
- Perlongher, O. N. (1980) *Austria-Hungría*. Buenos Aires, Argentina: Editorial Tierra Baldía.
- Perlongher, O. N. (1984) *El sexo de las chichas. El erotismo en la poesía de Oliverio Girondo*. Xul, nº 6, 25-28.
- Perlongher, O. N. (2008) (Edição) *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo, Brasil: Fundação Perseu Abramo.
- Piglia, R. (2014 [2005]) *El último lector*. Buenos Aires, Argentina: Debolsillo.
- Saussure, F. (1970) *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Brasil: Cultrix.
- Schwartz, J. (1996) "La trayectoria masmedular de Oliverio Girondo". In: *Cuadernos hispanoamericanos*, nº 553-554. Madrid, España: AECID.